

Questão 01)

“O maniqueísmo é uma filosofia religiosa sincrética e dualística fundada e propagada por Manes ou Maniqueu, filósofo cristão do século III, que divide o mundo simplesmente entre Bom, ou Deus, e Mau, ou o Diabo. A matéria é intrinsecamente má e o espírito, intrinsecamente bom. Com a popularização do termo, maniqueísta passou a ser um adjetivo para toda doutrina fundada nos dois princípios opostos do Bem e do Mal.”

Wikipédia. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Manique%C3%ADsmo>

Contra o maniqueísmo, Agostinho de Hipona (Santo Agostinho) afirmava que

- a) Deus é o Bem absoluto, ao qual se contrapõe o Mal absoluto.
- b) as criaturas só são más numa consideração parcial, mas são boas em si mesmas.
- c) toda a criação era boa e tornou-se má, pois foi dominada pelo pecado após a Queda.
- d) a totalidade da criação é boa em si mesma, mas singularmente há criaturas boas e más.

Questão 02)

“Portanto, deve-se dizer que como a lei escrita não dá força ao direito natural, assim também não pode diminuir-lhe nem suprimir-lhe a força; pois, a vontade humana não pode mudar a natureza. Portanto, se a lei escrita contém algo contra o direito natural, é injusta e não tem força para obrigar. Pois, só há lugar para o direito positivo, quando, segundo o direito natural, é indiferente que se proceda de uma maneira ou de outra, como já foi explicado acima. Por isso, tais textos não hão de chamar leis, mas corrupções da lei, como já se

disse. E portanto, não se deve julgar de acordo com elas.”

Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II, Questão 60, Art. 5.

Com base na passagem acima, é correto afirmar que

- a) a lei escrita só é legítima se for baseada no direito natural.
- b) o direito positivo não é a lei escrita, mas dos costumes.
- c) o direito natural só é legítimo se expresso na lei escrita.
- d) não há diferença entre direito natural e direito positivo.

Questão 03)

Em diálogo com Evódio, Santo Agostinho afirma: “parecia a ti, como dizias, que o livre-arbítrio da vontade não devia nos ter sido dado, visto que as pessoas servem-se dele para pecar. Eu opunha à tua opinião que não podemos agir com retidão a não ser pelo livre-arbítrio da vontade. E afirmava que Deus no-lo deu, sobretudo em vista desse bem. Tu me respondeste que a vontade livre devia nos ter sido dada do mesmo modo como nos foi dada a justiça, da qual ninguém pode se servir a não ser com retidão”.

AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*, Introdução, III, 18, 47.

Com base nessa passagem acerca do livre-arbítrio da vontade, em Agostinho, é correto afirmar que

- a) o livre-arbítrio é o que conduz o homem ao pecado e ao afastamento de Deus.
- b) o poder de decisão – arbítrio – da vontade humana é o que permite a ação moralmente reta.
- c) é da vontade de Deus que o homem não tenha capacidade de decidir pelo pecado, já que o Seu amor pelo homem é maior do que o pecado.
- d) a ação justa é aquela que foi praticada com o livre-arbítrio; injusta é aquela que não ocorreu por meio do livre-arbítrio.

Guilherme de Champeaux (1070 – 1121 d. C.) foi um filósofo e teólogo francês, professor na escola da catedral de Notre Dame, em Paris. Champeaux afirmava que “o universal é não somente real, mas também essencialmente idêntico na diversidade das coisas de que é atributo.”

VASCONCELOS, José Antônio. **Reflexões:** filosofia e cotidiano. São Paulo: edições SM, 2016. p. 212.

A posição de Champeaux, em relação aos universais, é classificada como

- a) realista, pois compreende que os universais são entes reais.
- b) nominalista, pois considera que os universais são apenas nomes.
- c) conceptualista, pois aceita que há certa realidade nos universais.
- d) indeterminada, pois, para ele, os universais são um problema sem resolução.

Questão 04)

Não foram poucos, porém, aqueles que dispensaram até mesmo essa comprovação racional da fé. Foi o caso de religiosos que desprezavam a filosofia grega. Mas houve também aqueles que defenderam o conhecimento da filosofia grega, percebendo a possibilidade de utilizá-la como instrumento a serviço do cristianismo. Conciliando com a fé cristã, esse estudo permitiria à Igreja enfrentar os descrentes e derrotar os hereges, empregando as armas da argumentação lógica.

COTRIM, Gilberto e FERNANDES, Mirna.

Fundamentos de Filosofia.

São Paulo: Saraiva, 2017, p. 241. (Adaptado)

- a) Disserte sobre os motivos que levaram à rejeição da filosofia grega por parte dos primeiros cristãos.
- b) Cite e explique, **pelo menos**, um conceito filosófico grego que foi apropriado e reelaborado por Santo Agostinho.

Questão 05)

Alguns filósofos podem ser considerados realistas e outros nominalistas, conforme o posicionamento de cada um.

Questão 06)

Do ponto de vista das reflexões filosóficas contemporâneas sobre o que foi a chamada Idade Média, é correto afirmar:

- a) Constituiu-se num período em que o saber não evoluiu, representando uma “longa noite de mil anos”.
- b) Foi um período em que o saber filosófico esteve atrelado ao saber religioso, tendo a filosofia como “serva” da teologia, ou seja, um saber voltado a fundamentar racionalmente os dogmas da fé.
- c) Foi um período em que Santo Tomás de Aquino liderou a Filosofia Patrística e Santo Agostinho liderou a Escolástica.

- d) Foi um período que ficou na média por ter preservado o saber greco-romano da destruição causada pela Santa Inquisição.
- e) Foi uma importante era da história da humanidade em que René Descartes e Galileu Galilei lançaram as bases da ciência moderna, em contraposição ao teocentrismo do pensamento grego.

- d) homem corrompido pela sociedade, de Jean-Jacques Rousseau.
- e) bom governo do Príncipe, inspirado no modo de vida dos pioneiros americanos, de Nicolau Maquiavel.

Questão 07)

É conhecida a reação azeda de Monteiro Lobato, um nacionalista de seu próprio tempo, diante das façanhas românticas do herói indígena Peri, em O Guarani, de José de Alencar: ela corresponde ao pragmatismo e à seriedade histórica que muitos exigem da ficção, demonstrando assim uma verdadeira deseducação da sensibilidade, por falta de efusão estética e esterilizadora mania realista. Peri é, sim, a versão indígena de um cavaleiro medieval sem mancha nem medo. O próprio Alencar, pela boca de Dom Antônio de Mariz, como a prever as inevitáveis críticas, deixa isso bem claro: “Crede-me, Álvaro, é um cavaleiro português no corpo de um selvagem!”

(Adaptado de: MEYER, Augusto. Alencar. In: ALENCAR, José de. **Iracema**. 2. ed. edição crítica de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: Edusp, 1979)

A concepção do *indígena* como “bom selvagem” surgiu no contato da civilização europeia com as Américas e esteve presente em teorias político-filosóficas importantes, tais como a teoria do

- a) socialismo romântico como volta da comunidade original perdida, de Karl Marx.
- b) positivismo como conciliação da ciência com os mitos da natureza, de Augusto Comte.
- c) anarquismo como forma de autogoverno sem Estado central, de Mikhail Bakunin.

Questão 08)

O surgimento do pensamento moderno se dá com a mudança de paradigma. Enquanto os medievais trabalharam a filosofia a partir do teocentrismo, os modernos trabalharam a filosofia a partir do antropocentrismo; os primeiros, seguindo os gregos, se interessaram pelo ser e sua contemplação, ao passo que os segundos, ao se voltarem para o homem, se preocuparam com o conhecimento e a questão do método. Assim, nota-se que a filosofia greco-medieval tinha uma preocupação ontológica, e a filosofia moderna, gnoseológica. Frente ao exposto, verifica-se que as principais tendências em explicar o conhecimento na modernidade foram

- a) idealismo e criticismo.
- b) criticismo e positivismo.
- c) marxismo e positivismo.
- d) racionalismo e empirismo.
- e) racionalismo e intuicionismo.

Questão 09)

Agostinho, em *Confissões*, diz: “Mas após a leitura daqueles livros dos platônicos e de ser levado por eles a buscar a verdade incorpórea, percebi que ‘as perfeições invisíveis são visíveis em suas obras’ (*Carta de Paulo aos Romanos*, 1, 20)”.

Agostinho de Hipona. *Confissões*, livro VII, cap. 20, citado por: MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000. Tradução do autor.

Nesse trecho, podemos perceber como Agostinho

- a) se utilizou da Bíblia para conhecer melhor a filosofia platônica.
- b) utiliza a filosofia platônica para refutar os textos bíblicos.
- c) separa nitidamente os domínios da filosofia e da religião.
- d) foi despertado para o conhecimento de Deus a partir da filosofia platônica.

Questão 10)

Considere o trecho abaixo, extraído da *Suma de Teologia* de Tomás de Aquino (1224-1274), texto em que ele apresenta uma das célebres cinco vias pelas quais se pode provar a existência de Deus.

“A quinta via é assumida a partir do governo das coisas. Vemos, com efeito, que aquilo que carece de inteligência, ou seja, os corpos naturais, opera em vista de um fim, o que se percebe pelo fato de sempre ou frequentemente operarem do mesmo modo a fim de atingir o que é o melhor. Daí fica claro que não é por acaso, e sim intencionalmente que atingem este fim. Mas o que não tem inteligência não tende a um fim se não for dirigido por algo cognoscente e inteligente, assim como a flecha pelo arqueiro. Portanto, há algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais são ordenadas a seu fim, e este dizemos que é Deus.”

AQUINO, Tomás de. **Suma de Teologia**, questão 2, artigo 3.

- a) Segundo Tomás de Aquino, a prova sobre a existência de Deus não é uma demonstração de fato (caso em que seria evidente), e sim uma prova a partir dos efeitos. Explique por que essa quinta via é uma prova a partir dos efeitos.

- b) Descreva como Tomás de Aquino se utiliza da filosofia de Aristóteles na elaboração dessa prova.

Questão 11)

Desde que tenhamos compreendido o significado da palavra “Deus”, sabemos, de imediato, que Deus existe. Com efeito, essa palavra designa uma coisa de tal ordem que não podemos conceber nada que lhe seja maior. Ora, o que existe na realidade e no pensamento é maior do que o que existe apenas no pensamento. Donde se segue que o objeto designado pela palavra “Deus”, que existe no pensamento, desde que se entenda essa palavra, também existe na realidade. Por conseguinte, a existência de Deus é evidente.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma teológica**.
Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

O texto apresenta uma elaboração teórica de Tomás de Aquino caracterizada por

- a) reiterar a ortodoxia religiosa contra os heréticos.
- b) sustentar racionalmente doutrina alicerçada na fé.
- c) explicar as virtudes teológicas pela demonstração.
- d) flexibilizar a interpretação oficial dos textos sagrados.
- e) justificar pragmaticamente crença livre de dogmas.

Questão 12)

Não é verdade que estão ainda cheios de velhice espiritual aqueles que nos dizem: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Se estava ocioso e nada realizava”, dizem eles, “por que não ficou sempre assim no decurso dos séculos, abstando-se, como antes, de toda ação? Se existiu em Deus um

novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n'Ele aparece uma vontade que antes não existia?"

AGOSTINHO. **Confissões**.
São Paulo: Abril Cultura, 1984.

A questão da eternidade, tal como abordada pelo autor, é um exemplo da reflexão filosófica sobre a(s)

- essência da ética cristã.
- natureza universal da tradição.
- certezas inabaláveis da experiência.
- abrangência da compreensão humana.
- interpretações da realidade circundante.

Questão 13)

O nome *patristica* decorre do trabalho dos padres da Igreja que, desde o século II de nossa era, elaboraram o pensamento cristão. Assinale a alternativa que apresenta, de forma CORRETA, um representante dessa filosofia.

- Tomás de Aquino
- Roger Bacon
- Averróis
- Agostinho de Hipona
- Giordano Bruno

Questão 14)

Democracia

Punhos de redes embalam o meu canto

para adoçar o meu país, ó Whitman.

Jenipapo coloriu o meu corpo contra os maus-

[olhados,

catecismo me ensinou a abraçar os hóspedes,

carumã me alimentou quando eu era criança,

Mãe-negra me contou histórias de bicho,

moleque me ensinou safadezas,

massoca, tapioca, pipoca, tudo comi,

bebi cachaça com caju para limpar-me,

tive maleita, catapora e ínguas,

bicho-de-pé, saudade, poesia;

fiquei aluado, mal-assombrado, tocando maracá,

dizendo coisas, brincando com as crioulas,

vendo espíritos, abusões, mães-d'água,

conversando com os malucos, conversando sozinho,

emprenhando tudo que encontrava,

abraçando as cobras pelos matos,

me misturando, me sumindo, me acabando,

para salvar a minha alma benzida

e meu corpo pintado de urucu,

tatuado de cruces de corações, de mãos-ligadas,

de nomes de amor em todas as línguas de branco, de

[mouro ou de pagão.

(LIMA, Jorge de. **Melhores poemas**.
São Paulo: Global, 2006. p. 74.)

O texto tem como título "Democracia", regime conhecido como "governo do povo". Questões políticas pressupõem relações de poder. É sabido que na Antiguidade a função do governo era

assegurar a vida boa; já na Idade Média, a natureza humana estava sujeita ao pecado. Desta forma, o papel de intimidação para todos agirem retamente cabia ao Estado. Daí, a estreita ligação entre política e moral, pois a obediência aos princípios da moral cristã exige a formação do governante justo. Sobre política e religião na Idade Média, marque a alternativa correta:

- a) Segundo a visão da época, o Estado é voltado para a salvação do indivíduo e deve encaminhá-lo para o bem, ou seja, por meio da educação e da persuasão, o Estado consegue assegurar a salvação das almas.
- b) Na obra **A cidade de Deus**, Agostinho menciona duas cidades, a cidade de Deus e a cidade terrestre, que deve ser entendida como a cidade mundana, que precede a vida celestial. É na cidade terrestre que se aprende sobre o pecado. Por isso, ela precisa existir sempre, para lembrar o homem da benevolência divina.
- c) A repercussão da teoria das duas cidades deu origem ao agostinismo político. Essa teoria definiu o confronto entre o poder do Estado e o da Igreja pela superioridade do poder espiritual sobre o temporal. A tensão entre esses dois poderes criou inúmeros conflitos entre reis e papas, e gerou facções políticas.
- d) A oposição entre o Estado e a Igreja foi formulada de maneira mais expressiva pelo beneditino Bernardes de Claraval. Ele afirma que a espada espiritual e a espada material pertencem uma à outra, e que a espada espiritual deve estar a serviço da espada material, pois, sob o comando do imperador, a Igreja irá conseguir mais adeptos para a salvação.

Questão 15)

“Embora o cristianismo não seja uma filosofia, ele afeta de forma profunda o pensamento filosófico da época [Idade Média], uma vez que o filósofo cristão se depara com o problema da sua realidade

finita e imperfeita diante da divindade infinita e perfeita.” (ARANHA, M. L. de A. *Temas de filosofia*. 3ª. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2005, p.110). Sobre a patrística e a escolástica, assinale o que for **correto**.

- 01) A filosofia medieval assume a herança dos filósofos gregos, sobretudo Platão (na patrística) e Aristóteles (na escolástica), de forma submissa e dogmática.
- 02) Santo Agostinho (354-430) é o maior representante da filosofia patrística. A patrística preocupava-se em encontrar justificativas racionais para as verdades reveladas.
- 04) Segundo a filosofia patrística, a revelação divina ensina quem tem fé a utilizar corretamente o conhecimento sensível.
- 08) Tomás de Aquino (1225-1274) considera a filosofia como conhecimento racional e tem como um dos seus principais temas filosóficos a adequação entre as coisas e o entendimento.
- 16) O problema de maior relevância para a filosofia do século XIII é a querela dos universais, doutrina filosófica segundo a qual os realistas preponderam sobre os nominalistas.

Questão 16)

A filosofia medieval é herdeira do legado filosófico da Antiguidade. A recepção das doutrinas metafísicas de Platão e de Aristóteles por autores da antiguidade tardia e do período medieval deu origem a intenso debate que ficou conhecido como “Querela dos Universais”.

Acerca desse tópico, assinale o que for **correto**.

- 01) Ao defender a existência das formas, Platão influencia parte dos autores realistas, como Anselmo de Cantuária e Guilherme de Champeaux, para os quais um universal, por

exemplo, humanidade, possui realidade objetiva e é propriamente coisa (*res*).

- 02) Aristóteles defende que cada ser é uma substância, aquilo que é em si mesmo e que resulta do composto de matéria e de forma; a forma é um princípio inteligível, a essência comum aos indivíduos que são da mesma espécie; a matéria é o princípio da individuação, aquilo que distingue os indivíduos da mesma espécie uns dos outros.
- 04) Os nominalistas defendem que não há universais; a universalidade está restrita às palavras, sem qualquer realidade exterior subjacente ou correspondente a elas. Guilherme de Ockam é um ilustre representante dessa corrente.
- 08) O problema dos universais, ou seja, se as propriedades universais existem ou não (se existem, se estão nas coisas ou se estão fora delas) e de que modo a linguagem pode denotar a realidade são problemas filosóficos superados, restritos aos debates dos filósofos medievais.
- 16) Na filosofia medieval, o nominalismo está associado à valorização do mundo empírico, dos fenômenos particulares, da análise dos indivíduos. Essa corrente de pensamento pode ser considerada uma antecipação de tendências modernas.

Cultural, 1988, p. 230. Coleção “Os pensadores” – grifos do autor.

Para Abelardo, a palavra *universal*

- sempre tem existência real e ela própria é a mais autêntica realidade, pois emana do mundo inteligível e contrasta com o mundo sensível.
- é tão só uma emissão da voz humana, que designa unicamente a coleção dos seres criados por Deus e que estão dispostos na natureza.
- é uma mera ideia abstrata, sem vínculo algum com a realidade corpórea das coisas existentes na natureza.
- por si mesma, não existe, mas se refere a seres reais e designa uma pluralidade de indivíduos semelhantes, o que é constatado no nome *homem*.

Questão 17)

Leia o fragmento da obra *Lógica para principiantes*, de Pedro Abelardo.

Uma palavra *universal*, entretanto, é aquela que é apta pela sua descoberta para ser predicada singularmente de muitos seres, tal como este nome *homem*, que se pode ligar com os nomes particulares dos homens segundo a natureza das coisas sujeitas (substâncias) às quais foi imposto.

ABELARDO, P. *Lógica para principiantes*. Tradução de Ruy Afonso da Costa Nunes. São Paulo: Nova

Questão 18)

A relação entre *voces* e *res*, entre linguagem e realidade, constitui elemento central da assim denominada “questão dos Universais”, importante por causa de suas repercussões linguísticas, epistemológicas e teológicas.

Sobre a controvérsia dos Universais, assinale a alternativa **INCORRETA**.

- O nominalismo sustenta a tese segundo a qual os termos universais são *res*, entidades linguísticas com existência metafísica objetiva.
- Um célebre defensor do realismo foi Guilherme de Champeaux (1070-1121), para o qual há perfeita correspondência entre os conceitos universais e a realidade.

- c) Para Roscelino, os Universais (ou conceitos universais) são desprovidos de valor, pois não se referem a nenhuma *res*. Segundo ele, todas as coisas existentes são singulares ou separadas.
- d) Abelardo propõe uma forma reelaborada de aristotelismo: embora não seja um arquétipo ideal, o universal é conceito obtido por meio de abstração.

materiais exatamente por isso, porque não é matéria. É certo que uma árvore é menos significativa que a noção de justiça. Diria que a justiça não é coisa real, mas um nada? Por conseguinte, se a justiça não tem dimensões materiais, nem por isso dizemos que é nada. E a alma ainda parece ser nada por não ter extensão material?

(Santo Agostinho. *Sobre a potencialidade da alma*, 2015. Adaptado.)

Questão 19)

O cristianismo é uma religião; empregando por vezes termos filosóficos para exprimir sua fé, os escritores sacros cediam a uma necessidade humana, mas substituíam o sentido filosófico antigo desses termos por um sentido religioso novo. É esse sentido que lhes devemos atribuir, quando os encontramos nos livros cristãos.

GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. XV.

A partir do fragmento e de seus conhecimentos sobre o assunto, faça o que se pede.

- a) Explique a relação entre fé e razão para Santo Agostinho.
- b) Explique a influência da teoria da reminiscência de Platão na doutrina da Iluminação Divina de Agostinho.

No texto de Santo Agostinho, a prova da existência da alma

- a) desempenha um papel primordialmente retórico, desprovido de pretensões objetivas.
- b) antecipa o empirismo moderno ao valorizar a experiência como origem das ideias.
- c) serviu como argumento antiteológico mobilizado contra o pensamento escolástico.
- d) é fundamentada no argumento metafísico da primazia da substância imaterial.
- e) é acompanhada de pressupostos relativistas no campo da ética e da moralidade.

Questão 20)

Não posso dizer o que a alma é com expressões materiais, e posso afirmar que não tem qualquer tipo de dimensão, não é longa ou larga, ou dotada de força física, e não tem coisa alguma que entre na composição dos corpos, como medida e tamanho. Se lhe parece que a alma poderia ser um nada, porque não apresenta dimensões do corpo, entenderá que justamente por isso ela deve ser tida em maior consideração, pois é superior às coisas

Questão 21)

“Para Descartes o corpo humano tem a estrutura de uma máquina, funcionando em perfeita harmonia como um relógio. Para os medievais o que move o corpo é a alma, mas Descartes não aceita isso. Para ele o corpo deve ser explicado a partir de sua estrutura física: veias, sangue, circulação, cérebro, músculos, membros, etc. É uma revolução que deixou perplexa sua época. O corpo em Descartes deixava de ser um receptáculo do espírito para se tornar um mecanismo complexo ao alcance da compreensão e estudo humanos.” (*Filosofia*. Vários autores. Curitiba: SEED-PR, 2006, p.83). Partindo desta afirmação sobre a filosofia de Descartes, assinale o que for **correto**:

- 01) As ideias de Descartes corroboram a tradição medieval, segundo a qual devemos valorizar os estudos teológicos em detrimento dos fenômenos naturais.
- 02) As ideias de Descartes corroboram a geometria analítica, segundo a qual o conhecimento matemático possui regras mensuráveis e constantes.
- 04) As ideias de Descartes corroboram a patrística, segundo a qual a alma é prisioneira do corpo e não pode ser conhecida.
- 08) As ideias de Descartes corroboram o mecanicismo, segundo o qual a natureza é explicada a partir da interação dos sistemas materiais.
- 16) As ideias de Descartes corroboram o obscurantismo, segundo o qual a natureza é composta de signos cabalísticos.
- 04) Entre os conhecimentos práticos da filosofia de F. Bacon destaca-se a oratória, arte de utilizar técnicas de linguagem a fim de persuadir o espectador.
- 08) Ao defender a alquimia, F. Bacon valoriza aspectos mágicos da matéria, revelados pela ciência química.
- 16) Em sua obra filosófica mais importante, “A poética da natureza”, F. Bacon descreve o modo pelo qual a mão de Deus permanece ativa sobre os fenômenos da natureza.

Questão 23)

A história da filosofia possui momentos distintos (antiga, medieval, moderna e contemporânea), que marcam, de forma genérica, temáticas distintas (ser, razão, verdade, linguagem etc.) e escolas distintas (sofística, patrística, escolástica, fenomenologia, filosofia analítica etc.).

Assinale, segundo os conceitos bases da tradição filosófica, o que for **correto**.

- 01) Chamamos de sofistas os filósofos cuja interlocução com Sócrates, Platão e Aristóteles é marcada pelo debate de ideias políticas e metafísicas.
- 02) Chamamos de pré-socráticos os filósofos preocupados com o princípio unificador da realidade.
- 04) Chamamos de fenomenologia a tradição empíricoracionalista que estuda a teoria das quatro causas: formal, material, eficiente e final.
- 08) Chamamos de patrística a filosofia de influência neoplatônica que surgiu a partir do século II com os Padres da Igreja, responsável pela formulação da base filosófica da doutrina cristã.

Questão 22)

“Francis Bacon (1561-1626), com o seu lema ‘saber é poder’, critica a base metafísica da física grega e medieval e realça o papel histórico da ciência e do saber instrumental, capaz de dominar a natureza. Rejeita as concepções tradicionais de pensadores ‘sempre prontos para tagarelar’, mas que ‘são incapazes de gerar, pois a sua sabedoria é farta de palavras, mas estéril em obras’.”

(Novum organum, Livro I, LXXI. In ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando*. São Paulo: Moderna, 2009, p. 68).
Sobre o pensamento de F. Bacon, assinale o que for **correto**.

- 01) Enquanto na Idade Média o saber contemplativo era privilegiado em detrimento da prática, F. Bacon valorizava a técnica de experimentação empírica.
- 02) O conhecimento dos estados da matéria possibilita o controle sobre os fenômenos da natureza, como controlar a evaporação, por exemplo.

16) Chamamos de flovística a escola de Siracusa (Magna-Grécia) que toma como ponto de partida os ensinamentos de Pirro de Élis.

- d) por ser bom, Deus não pode criar o que lhe é oposto, o mal.
- e) Deus se limita a administrar a dialética existente entre o bem e o mal.

Questão 24)

Dois são os temas capitais que dominam a Filosofia Medieval. Das alternativas apresentadas abaixo, marque aquela que indica de forma correta tais temas.

- a) Cristianismo e teologia.
- b) Política e ciência.
- c) Ciência e ética.
- d) Teologia e gnosiologia (conhecimento).
- e) Ética e política.

Questão 25)

Se os nossos adversários, que admitem a existência de uma natureza não criada por Deus, o Sumo Bem, quisessem admitir que essas considerações estão certas, deixariam de proferir tantas blasfêmias, como a de atribuir a Deus tanto a autoria dos bens quanto dos males. Pois sendo Ele fonte suprema da Bondade, nunca poderia ter criado aquilo que é contrário à sua natureza.

AGOSTINHO. **A natureza do Bem**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005 (adaptado).

Para Agostinho, não se deve atribuir a Deus a origem do mal porque

- a) o surgimento do mal é anterior à existência de Deus.
- b) o mal, enquanto princípio ontológico, independe de Deus.
- c) Deus apenas transforma a matéria, que é, por natureza, má.

Questão 26)

Após ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição, eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.

DESCARTES, R. *Meditações*. **Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

A proposição “eu sou, eu existo” corresponde a um dos momentos mais importantes na ruptura da filosofia do século XVII com os padrões da reflexão medieval, por

- a) estabelecer o ceticismo como opção legítima.
- b) utilizar silogismos linguísticos como prova ontológica.
- c) inaugurar a posição teórica conhecida como empirismo.
- d) estabelecer um princípio indubitável para o conhecimento.
- e) questionar a relação entre a filosofia e o tema da existência de Deus.

Questão 27)

“Com efeito, não seremos capazes de rebater as investidas dos hereges ou de quaisquer infiéis, se não soubermos refutar suas argumentações e invalidar seus sofismas com argumentos verdadeiros, para que o erro ceda à verdade e os sofismas recuem perante os dialéticos: sempre prontos, segundo a exortação de São Pedro, a satisfazer a quem nos peça, razões da esperança ou da fé que nos anima. Se no curso dessas

disputações conseguirmos vencer aqueles sofistas, apareceremos como verdadeiros dialéticos; e como bons discípulos, tanto mais nos lembraremos de Cristo, que é a própria verdade, quanto mais fortes nos mostrarmos na verdade das argumentações” (ABELARDO, P. Epístola 13. In: CHALITA, G. *Vivendo a filosofia: ensino médio*. 4.ª ed. São Paulo: Ática, 2011, p. 146).

A partir do trecho citado, assinale o que for **correto**.

- 01) O filósofo mostra a necessidade de argumentos racionais (dialéticos) para a defesa da doutrina cristã.
- 02) Nos debates, não basta apenas invocar a palavra de Cristo, é preciso elaborar argumentos racionais contra os infiéis.
- 04) A dialética é um instrumento argumentativo contra os sofismas, inserindo o debate no campo filosófico e não no campo doutrinal da fé.
- 08) A fraqueza da argumentação dos infiéis está na sua inconsistência lógica e racional.
- 16) Os hereges e os infiéis serão convencidos somente com argumentos oriundos da Bíblia.

Questão 28)

João Grilo O senhor não repare não, mas de besta eu só tenho a cara. Meu trunfo é maior do que qualquer santo.

Manuel Quem é?

João Grilo A mãe da justiça.

Encourado *rindo* Ah, a mãe da justiça! Quem é essa?

Manuel Não ria, porque ela existe.

Bispo E quem é?

Manuel A misericórdia.

Severino Foi coisa que nunca conheci.

Onde mora? E como chamá-la?

João Grilo Ah isso é comigo. Vou fazer um chamado especial, em verso. Garanto que ela vem, querem ver? (*Recitando*.)

Valha-me Nossa Senhora,

Mãe de Deus de Nazaré!

A vaca mansa dá leite,

A braba dá quando quer.

A mansa dá sossegada,

A braba levanta o pé.

Já fui barco, fui navio,

Mas hoje sou escaler.

Já fui menino, fui homem,

Só me falta ser mulher.

(SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. Rio de Janeiro: Agir. 34. ed. 1999. p. 169-170.)

O personagem João Grilo (texto), que passa por tantas situações, é um ser franzino, mas muito esperto. Ele aprendeu a utilizar sua malandragem para promover um tipo de justiça social. E o interessante é que esse personagem é capaz de perdoar, lutar e defender aqueles que o exploraram durante a vida. João Grilo não perde a esperança.

Em sua visita ao Brasil, durante a homilia na Basílica de Nossa Senhora Aparecida, o Papa Francisco mencionou 12 vezes a palavra *esperança*. Ele fala: “É verdade que hoje, mais ou menos todas as pessoas, e também os nossos jovens, experimentam o fascínio de tantos ídolos que se colocam no lugar de Deus e parecem dar esperança: o dinheiro, o poder, o sucesso, o prazer. Frequentemente, uma sensação de solidão e de vazio entra no coração de muitos e conduz à busca de compensações, destes ídolos passageiros [...]. Queridos irmãos e irmãs, sejamos luzeiros de esperança!”

(Disponível em: http://rr.sapo.pt/informacao_detalle.aspx?fid=29&did=115848. Acesso em: 28 nov. 2013.)

Tanto o personagem João Grilo como a mensagem do Papa reporta a um resgate da pessoa, lembrando que é necessário amor, amor à pessoa, que é o caminho para se retornar a Deus. Essa ideia e o pensamento abaixo acabam por simbolizar a visão de um filósofo medieval pertencente à Patrística.

“Há pessoas que desejam saber só por saber, e isso é curiosidade; outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade; outras, para enriquecerem com a sua ciência, e isso é um negócio torpe; outras, para serem edificadas, e isso é prudência; outras, para edificarem os outros, e isso é caridade”.

O filósofo em questão é (marque a alternativa correspondente):

- a) Pedro Abelardo
- b) Gregório de Nissa
- c) Santo Agostinho
- d) Guilherme de Ockham

Questão 29)

“Vi claramente que todas as coisas boas podem, entretanto, se corromper, e não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, nem tampouco se não fossem boas. Se fossem absolutamente boas seriam incorruptíveis, e se não houvesse nada de bom nelas, não poderiam se corromper. [...] Portanto, todas as coisas que existem são boas, e o Mal que eu procurava não é uma substância, pois se fosse substância seria um bem. Na verdade, ou seria uma substância incorruptível e então seria um grande bem, ou seria corruptível e, neste caso, a menos que fosse boa, não poderia se corromper. Percebi, portanto, e isto pareceu-me evidente, que criastes todas as coisas boas e não existe nenhuma substância que Vós [Deus] não criastes.” (AGOSTINHO. O problema do mal. In: MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de filosofia*. RJ: Ed. Zahar, 2007, p. 63).

A partir do exposto, assinale o que for **correto**.

- 01) Em todas as coisas existe algum bem.
- 02) Se tudo que existe foi Deus quem criou e o mal existe, logo Deus criou coisas más.
- 04) O mal existe no mundo e é um algo, uma substância.
- 08) Mal e bem, para Agostinho, não são juízos que os homens emitem sobre as coisas.
- 16) Para Agostinho, é impossível que Deus criasse algo que não fosse bom.

Questão 30)

Segundo Chauí (2000),

[...] na Idade Média o pensamento estava subordinado ao princípio da autoridade, isto é, uma ideia é considerada verdadeira se for baseada nos argumentos de uma autoridade reconhecida [...]

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000, p. 45.

Sobre a filosofia da Idade Média é **INCORRETO** afirmar que

- a) O tema principal de que se ocupou a filosofia na Idade Média foi o das relações entre a razão e a fé.
- b) A filosofia se tornou serva do cristianismo e, com isso, rejeitou a filosofia pagã, Platão e Aristóteles.
- c) Para essa filosofia, a fé na revelação proporciona o conhecimento mais elevado, superior àquele da razão.

- d) A doutrina da iluminação divina explica como a filosofia pagã provém das mesmas fontes das verdades cristãs.

Questão 31)

Seu principal objetivo era demonstrar, por um raciocínio lógico formal, a autenticidade dos dogmas cristãos. A filosofia devia desempenhar um papel auxiliar na realização deste objetivo. Por isso a tese de que a filosofia está a serviço da teologia.

(Antonio Carlos Wolkmer Introdução à História do Pensamento Político)

O texto deve ser relacionado com:

- a) a filosofia epicurista;
- b) a filosofia escolástica;
- c) a filosofia iluminista;
- d) o socialismo;
- e) o positivismo.

Questão 32)

“Os artigos de fé não são princípios de demonstrações nem conclusões, não sendo nem mesmo prováveis, já que parecem falsos para todos, para a maioria ou para os sábios, entendendo por sábios aqueles que se entregam à razão natural, já que só de tal modo se entende o sábio na ciência e na filosofia.” (OCKHAM, G. [1280-1349]. In: COTRIM, G. *Fundamentos de Filosofia*, São Paulo: Saraiva, 2006, p. 120).

A partir do trecho citado, é **correto** afirmar que

- 01) os argumentos calcados na fé não podem ser submetidos a demonstrações lógicas.
- 02) o filósofo apresenta a típica separação entre aquilo que é do domínio da fé e do domínio da razão para o pensamento medieval.

- 04) os artigos de fé são falsos por natureza, visto que não estão submetidos nem à ciência nem à filosofia.

- 08) as demonstrações e as conclusões, para os filósofos, não podem ser deduzidas a partir de princípios falsos.

- 16) a distinção entre a teologia e a ciência ou a filosofia está, entre outras coisas, nos diferentes procedimentos ou nos métodos de comprovação utilizados por elas.

Questão 33)

Pelo fato de sua integração ao agostinianismo, a doutrina platônica da reminiscência sofre uma transformação profunda. O que há de verdade permanente na doutrina do *Mênon* (de Platão) é que o pensamento encontra o inteligível em vez de criá-lo; o erro de Platão foi imaginar não se sabe qual preexistência da alma em relação ao corpo [...]. Platão tem razão em dizer que a alma encontra a verdade em si mesma; conclui mal, a partir disso, que ela se lembra da verdade como nos lembramos de um conhecimento passado.

GILSON, Etienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Ayoub. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006, p. 155.

Com base no texto acima e em seus conhecimentos sobre a filosofia de Santo Agostinho, faça o que se pede.

- a) De que forma a doutrina do Mestre Interior se relaciona com o conhecimento da verdade?
- b) Cite uma diferença entre a Doutrina da Iluminação Divina, de Agostinho, e a teoria platônica da reminiscência.

Questão 34)

Com efeito, existem a respeito de Deus verdades que ultrapassam totalmente as capacidades da razão humana. Uma delas é, por exemplo, que Deus é trino e uno. Ao contrário, existem verdades que podem ser atingidas pela razão: por exemplo, que Deus existe, que há um só Deus etc.

AQUINO, Tomás de. *Súmula contra os Gentios. Capítulo Terceiro: A possibilidade de descobrir a verdade divina*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 61.

Para São Tomás de Aquino, a existência de Deus se prova

- por meios metafísicos, resultantes de investigação intelectual.
- por meio do movimento que existe no Universo, na medida em que todo movimento deve ter causa exterior ao ser que está em movimento.
- apenas pela fé, a razão é mero instrumento acessório e dispensável.
- apenas como exercício retórico.

Questão 35)

A fé ajuda o conhecimento e o amor de Deus, não no sentido de que no-lo faça conhecer e amar porque antes de fato não o conhecíamos ou não o amávamos, mas nos ajuda a conhecê-lo de modo mais luminoso e a amá-lo com amor mais firme.

Agostinho, *A Trindade*, VIII, 9, 13.

- Para Agostinho, a fé não tem um caráter a-racional ou metarracional, e sim um preciso valor cognoscitivo. Assim, qual é, para ele, a relação entre razão e fé?
- Em qual teoria Agostinho se baseia para afirmar os critérios de conhecimento imutáveis e necessários que vêm de Deus?

Questão 36)

Com relação à Filosofia Moderna, dados os itens abaixo,

- Com exceção de Espinosa e apresentando algumas variações, os filósofos modernos consideram o conhecimento uma representação.
- Na filosofia moderna, o método científico segue o ideal da matemática e busca ser uma *mathesis universalis*.
- Diferentemente do pensamento renascentista, que operava com a noção de Semelhança, o pensamento moderno critica a Semelhança por conta da incapacidade que ela tem de atingir a essência das coisas. Para eles, conhecer pelas causas implica diferenciar as coisas e atingir suas essências invisíveis.
- A interioridade caracteriza a filosofia moderna e supera a subjetividade característica do pensamento medieval.
- A razão distingue os pensadores modernos. Alguns defendem a razão inata, como Locke e Hume; já outros preconizam a razão advinda das sensações e experiências, como é o caso de Pascal, Leibniz e Descartes.

verifica-se que estão corretas apenas

- I e III.
- I, II e III.
- I, IV e V.
- III, IV e V.
- II e V.

Questão 37)

A Filosofia Medieval tem na Escolástica seu principal momento. Nela continua a ocorrer a subordinação da razão à Fé, sempre seguindo a doutrina cristã. Em sua formação, contudo, entraram outros elementos que não eram cristãos. Nas opções a seguir, assinale aquela que traz alguns desses elementos.

- a) Significativa influência do pensamento de Averróis, de Avicena e de Maimônides.
- b) A superioridade das verdades humanas sobre as verdades reveladas.
- c) Negação total dos princípios dialéticos, que corrompem a doutrina e pervertem a essência religiosa da Igreja Católica.
- d) Desvinculação dos interesses católicos, à medida que fundamenta o conhecimento racional advindo das universidades medievais.
- e) Pouca importância dada ao pensamento platônico, antes tão influente na Patrística.

Questão 38)

Tomás de Aquino (1225-1274), no seu livro *A Realeza*, afirma: “Começamos apresentando o que se deve entender pela palavra rei. Com efeito, em todas as coisas que se ordenam a um fim que pode ser alcançado de diversos modos, faz-se necessário algum dirigente para que se possa alcançar o fim do modo mais direto. Por exemplo, um navio, que se move em diversas direções pelo impulso de ventos opostos, não chegará ao seu fim de destino se não for dirigido ao porto pela habilidade do comandante”. (AQUINO, T. de. *A realeza: dedicado ao rei de Chipre. In: Antologia de textos filosóficos. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 667.*) Conforme esse trecho, é correto afirmar que

- 01) o rei, como um dirigente, não tem um poder opressor ou dominador sobre os súditos.
- 02) o rei é aquele que realiza as coisas sem intermediários.

- 04) o rei não é necessário em todas as decisões, mas somente naquelas que envolvem interesses coletivos.
- 08) as ações do rei não precisam levar em conta os desejos dos súditos, mas considerar aquilo que é melhor para o reino.
- 16) o rei ou o comandante tem a função de dirigir, orientar, o que não implica uma imposição de sua vontade aos súditos.

Questão 39)

A teologia natural, segundo Tomás de Aquino (1225-1274), é uma parte da filosofia, é a parte que ele elaborou mais profundamente em sua obra e na qual ele se manifesta como um gênio verdadeiramente original. Se se trata de física, de fisiologia ou dos meteoros, Tomás é simplesmente aluno de Aristóteles, mas se se trata de Deus, da origem das coisas e de seu retorno ao Criador, Tomás é ele mesmo. Ele sabe, pela fé, para que limite se dirige, contudo, só progride graças aos recursos da razão.

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**, São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 657.

De acordo com o texto acima, é correto afirmar que

- a) a obra de Tomás de Aquino é uma mera repetição da obra de Aristóteles.
- b) Tomás parte da revelação divina (Bíblia) para entender a natureza das coisas.
- c) as verdades reveladas não podem de forma alguma ser compreendidas pela razão humana.
- d) é necessário procurar a concordância entre razão e fé, apesar da distinção entre ambas.

Questão 40)

Na medida em que o Cristianismo se consolidava, a partir do século II, vários pensadores, convertidos à

nova fé e, aproveitando-se de elementos da filosofia greco-romana que eles conheciam bem, começaram a elaborar textos sobre a fé e a revelação cristãs, tentando uma síntese com elementos da filosofia grega ou utilizando-se de técnicas e conceitos da filosofia grega para melhor expor as verdades reveladas do Cristianismo. Esses pensadores ficaram conhecidos como os Padres da Igreja, dos quais o mais importante a escrever na língua latina foi santo Agostinho.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos de Filosofia: Ser, Saber e Fazer.**
São Paulo: Saraiva, 1996, p. 128. (Adaptado)

Esse primeiro período da filosofia medieval, que durou do século II ao século X, ficou conhecido como

- a) Escolástica.
- b) Neoplatonismo.
- c) Antiguidade tardia.
- d) Patrística.

GABARITO:

1) Gab: B

2) Gab: A

3) Gab: B

4) Gab:

- a) Não foram poucos os motivos que levaram parte dos primeiros cristãos a rejeitarem a filosofia grega. Entre os quais, destacam-se: a afirmação da suficiência da Fé Cristã para bem conduzir a vida humana, que fazia com que o modo de pensamento grego, considerado

pagão, fosse uma ameaça para essa mesma Fé, pois poderia induzir ao pecado, à dúvida e às heresias. Além disso, um dos fundamentos do pensamento Cristão é a afirmação de que a Fé é superior à razão, o que fez com que alguns dos primeiros padres chegassem mesmo a descartar quase que por completo a razão. Nesse caso, Deus fornece, pela Fé, um caminho direto para a salvação, podendo a filosofia representar a ocasião para o desvio. E, finalmente, não caberia ao filósofo, ou à filosofia, buscar a verdade, uma vez que ela já havia sido revelada, mas, tão somente, demonstrar racionalmente as verdades da fé, que não podem ser contraditas pela razão.

- b) Um dos exemplos é a “Teoria da Reminiscência” de Platão. Santo Agostinho se aproxima completamente da filosofia de Platão e nela se inspira, para elaborar a sua “Teoria da Iluminação Divina”. Para Platão, o conhecimento é possível por um processo de reminiscência, pois todo o conhecimento jaz no interior de cada indivíduo, sendo o aprendizado nada mais do que a ocasião do reencontro da mente pensante com o conhecimento latente, que pode ser contemplado como verdade, no mundo das ideias. Desta forma, partindo dos pressupostos estabelecidos por Platão, Agostinho elabora a Teoria da Iluminação Divina, na qual o indivíduo deve se converter à fé cristã para ter acesso ao conhecimento, procedimento que foi considerado como uma cristianização do platonismo e que influenciou decisivamente o desenvolvimento do Cristianismo. Outro exemplo é a distinção feita por Platão, entre a realidade sensível e a realidade inteligível, ou mundo das ideias, sendo esta última a fonte verdadeira dos elementos da primeira, que não passam de cópias. Santo Agostinho se inspirou nessa distinção, feita por Platão, para propor a sua Cidade de Deus (céu), que representa e fornece a verdade que o mundo [Cidade dos Homens] não pode oferecer.

5) Gab: A

6) Gab: B

efeitos, pois é a partir do conhecimento da natureza criada que podemos conhecer algo a respeito do Criador.

7) Gab: D

b) De acordo com Aristóteles (*Metafísica*, Livro V, 1013 a 24), entende-se por *causa* “aquilo de que como um material imanente provém o ser de uma coisa”. Assim, é inconcebível que um ser imanente seja ele próprio a sua própria causa, dependendo ele de uma causa anterior que fundamente a sua existência. Da mesma maneira, o pensamento aristotélico valoriza a experiência como forma de acesso ao conhecimento; e a experiência nos mostra coisas múltiplas que se harmonizam ou buscam se harmonizar em vistas de um fim comum. Para Aristóteles, é forçoso que exista uma ordem anterior e primeira à qual ele denomina de primeiro motor imóvel. Portanto, tomando o estagirita como referência, e acrescentando os fundamentos da sua teologia e filosofia cristã, segundo as quais a Alma é conhecida pelos seus atos, Tomás de Aquino afirma que Deus é essa causa primeira que ordena as coisas para que elas possam realizar o seu fim.

8) Gab: D

9) Gab: D

10) Gab:

a) “Há duas espécies de demonstração. Uma, pela causa, pelo por que das coisas, a qual se apoia simplesmente nas causas primeiras. Outra, pelo efeito, que é chamada a posteriori, embora se baseie no que é primeiro para nós; quando um efeito nos é mais manifesto que a sua causa, por ele chegamos ao conhecimento desta. Ora, podemos demonstrar a existência da causa própria de um efeito, sempre que este nos é mais conhecido que aquela; porque, dependendo os efeitos da causa, a existência deles supõe, necessariamente, a preexistência desta. Por onde, não nos sendo evidente, a existência de Deus é demonstrável pelos efeitos que conhecemos.” (Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, questão 2, Art. 2). Assim, a quinta via toma como princípio a finalidade dos seres, ou seja, o fato de que tudo o que carece de inteligência opera em vista de um fim, que busca alcançar o que é o melhor. Essa finalidade não pode ser alcançada sem que haja uma intenção ou causa. Para Tomás de Aquino, pensar que essa finalidade possa ser alcançada sem que haja uma causa anterior é tão absurdo como querer que uma flecha possa alcançar o alvo sem ser antes arremessada por um arqueiro. Partindo-se desse princípio, o filósofo afirma que o correto uso do entendimento pode conduzir o raciocínio ao conhecimento de uma causa anterior e sucessiva, até que não se possa afirmar nenhuma outra que não seja a primeira causa, ou seja, *Theós* (Deus). Por isso, afirma-se que a quinta via é uma prova a partir dos

11) Gab: B

12) Gab: D

13) Gab: D

14) Gab: C

15) Gab: 14

16) Gab: 23

17) Gab: D

26) Gab: D

18) Gab: A

27) Gab: 15

19) Gab:

- a) Para Agostinho a fé é superior à razão, ela é o guia que conduz a razão no caminho do conhecimento reto e verdadeiro. A despeito disso, fé e razão estão numa relação de complementariedade, sendo ambas necessárias para o conhecimento que o ser humano produz. A fé não substitui e nem elimina a razão. Pelo contrário, a fé estimula a razão e esta fortalece a fé.
- b) Segundo Platão, o conhecimento deve rememorar, pela alma racional, as verdades contempladas no mundo inteligível. Inspirado por Platão, Agostinho defende que o conhecimento deve ser buscado intelectualmente no mundo das ideias, via interiorização do pensamento. Para ele é Deus a luz que ilumina o nosso intelecto de forma a tornar possível o conhecimento das verdades imutáveis ou eternas.

28) Gab: C

29) Gab: 25

30) Gab: B

31) Gab: B

32) Gab: 27

33) Gab:

- a) Para Agostinho, a verdade está sempre ao alcance do Homem, graças ao Mestre interior que a ensina para cada um de nós. Toda alma racional o consulta, mas a verdade se revela apenas para a alma que o consulta segundo a medida de sua boa ou má vontade. Em Agostinho, portanto, a análise exaustiva de todo conhecimento verdadeiro torna-se acabada na prova da existência de Deus.
- b) Para Agostinho, a teoria da reminiscência platônica erra ao pressupor a anterioridade da alma humana (como existente em vidas passadas). A verdade ensinada pelo Mestre interior, que se dá por meio de iluminação divina, independe de tal preexistência.

20) Gab: D

21) Gab: 10

22) Gab: 03

23) Gab: 11

24) Gab: A

34) Gab: B

25) Gab: D

35) Gab:

- a) Para Santo Agostinho, fé e razão são complementares. A fé não substitui nem elimina a inteligência, pelo contrário: a fé estimula a razão e é fortalecida por aquela, clarificando-a.
- b) Agostinho baseia-se na Teoria da Iluminação, segundo a qual a suprema verdade de Deus é uma espécie de luz que ilumina a mente humana no ato do conhecimento, permitindo-lhe captar as ideias, entendidas como as verdades eternas e inteligíveis presentes na própria mente divina.

36) Gab: B

37) Gab: A

38) Gab: 29

39) Gab: D

40) Gab: D